

COMÉRCIO DA AJUDA



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA GOELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

DE S. Ex.ª o Governador Civil, recebemos dois officios comunicando que «em vista da legislação vigente sobre o assunto, não podem realizar-se quaisquer sorteios, rifas, etc., a não ser que estejam superiormente autorizados», nem qualquer subscrição pública sem autorização do Governador Civil e por isso devem retirar imediatamente os pedidos para subscrições, que não tenham a sobredita autorização».

SÓ no próximo número publicaremos uma interessante reportagem sobre a Escola Maternal da Ajuda, em que a sua ilustre directora foi duma grande amabilidade para com os nossos redactores, quando da sua visita a esse modelar estabelecimento.

DEVIDO á grande falta de espaço, somos forçados a reter vário original, entre ele o do nosso querido camarada Carlos José de Sousa, que publicaremos no próximo número.

NO próximo sábado effectua-se no Belém-Club um surpreendente espectáculo, em que toma parte o magnifico grupo dramático da Academia Recreativa de Lisboa, subindo á cena a peça de grande espectáculo «O Domador de Sogras», seguindo-se um deslumbrante baile abrihantado por uma orquestra.

A «Berliner Börsen Zeitung» noticia uma descoberta sensacional para a cura do cancro, devido á colaboração da ciência italo-alemã e acrescenta: «O sábio italiano Fichera conseguiu triunfar, onde o rádio e os aparelhos de cirurgia nada podiam. Trata-se de um liquido injectável, que está a ser fabricado na Alemanha pela Farben Industrie e que vai merecer a atenção de todos os médicos que se occupam do terrível mal. É claro que os resultados definitivos só se poderão apreciar daqui a alguns anos.

Bairro Económico da Ajuda

Muitas cartas temos recebido de leitores, pedindo-nos para que não abandonemos a questão do Bairro. Uma dessas cartas porém, é injusta, quando diz que o nosso jornal, arrefeceu um pouco na campanha que havia encetado. Poucos serão os numeros, em que não tenhamos focado o assunto. Mas como a carta não traz assinatura, adiante...

Verificamos com bastante pezar que a inauguração do imponente Bairro, se vai protelando, sem que para tal, vejamos motivo.

A falta de habitações é flagrante, e entristece presenciar que enquanto há tanta gente lutando com falta de casas, estejam dezenas delas, de óptima construção, por alugar.

Estamos chegados ao Natal e como seria interessante o Estado, que é o dono dessas propriedades, fazer a sua inauguração nessa data, de forma a que no dia de Ano Novo, todas as moradias estivessem habitadas.

¿Será isto impossível? Afigura-se-nos que não, desde que haja boa vontade.

Seriam as broas para os que não tem habitação...

O dia de Natal, é consagrado á fraternidade. Que seja êsse o dia da inauguração do Bairro, aspiração das maiores dos habitantes da Ajuda, dêsse bom povo, que há tantos anos espera...

O nosso jornal, lança êste alvitre.

Esperamos que o comércio, indústria e autoridades locais, nos auxiliem nesta cruzada.

Vamos imediatamente angariar assinaturas destas entidades, para reforçar o nosso pedido.

Que todos tenhamos o mesmo pensamento:

Pela inauguração do Bairro no dia de Natal.

Pela sua habitação, no dia de Ano Novo.

POUCOS dias faltam para a realização do grande festival que o nosso quinzenário leva a efeito no Belém-Club.

A peça que subirá à cena, é a interessante comédia do malogrado escritor André Brun «A Maluquinha de Arroios» e uela tomam parte um grupo de senhoras e cavalheiros residentes na nossa freguesia.

Os ensaios, vão muito adiantados e estamos certos que o seu desempenho, será impecável.

Para que o espectáculo se torne ainda mais atraente, haverá também um interessante acto de variedades, em que tomarão parte elementos de reconhecido valor.

Também um grupo de professores de música, atendendo ao fim a que se destina o espectáculo, organizou uma surpreendente orquestra, que não só abrihantará a récita, como o baile que a seguir se efectua.

Dentro de poucos dias, será distribuido o programa, começando-se desde já a marcar lugares.

O BANQUEIRO americano Warren Finney, acaba de responder, perante o tribunal de Empória (Kansas), sendo reconhecido culpado pelo júri, de doze crimes relacionados com a quebra fraudulenta da sua casa.

Cada um dêsses crimes é punido com penas variaveis entre três e cincoenta anos, a cumprir consecutivamente. O réu, que tem 60 anos, está sujeito a ser condenado a 600 anos de prisão.

NA passada segunda feira teve lugar, no Ajuda Club, uma interessante récita, desempenhada pela Troupe «Julmars», que foi deveras atraente.

JÁ quando o nosso jornal ia entrar na máquina, chegounos a triste noticia de haver falecido hoje no Hospital da Marinha, o Sr. João António da Silva, de 68 anos de idade, pai dos nossos amigos Srs. Tenente Carlos Parreira da Silva e José Parreira da Silva. A toda a familia apresentamos sentidos pezames.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOSVINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

CINEMA PORTUGUÊS**«A Canção de Lisboa»**

Fomos ver há dias ao S. Luiz «A Canção de Lisboa», o filme da Tobis Portuguesa, o primeiro fonofilm português executado inteiramente em estúdios nacionais, e da apreciação pessoal dessa primeira manifestação sonora da sétima arte em Portugal, vamos transmitir em breves palavras uma idea sucinta aos nossos leitores.

Não são estas palavras uma critica, porque a critica do filme foi feita em devido tempo por quem de direito; mas umas considerações a propósito que, se não teem outro mérito, teem o de serem absolutamente desapassionadas e independentes — e isso, vamos lá, já não é pouco.

Ouvimos já bastas vezes apreciações ao filme, umas favoráveis, outras desfavoráveis. Aguardávamos porém a voz de o vermos devidamente para formarmos a nossa opinião. E é essa opinião que vamos expôr, com a independência que muito presamos de pôr em nossas acções.

Sem curarmos de saber das opiniões extranhas dispuzemo-nos a ver o filme pondo de parte as exigências duma completa técnica cinegráfrica ou dum complicado e substancioso argumento. A nossa expectativa era benévola e otimista.

Francamente: á saída quedámo-nos um tanto desiludidos, apesar de termos pôsto de parte o prisma da severidade.

O argumento do filme conta-se em duas palavras: Vasco Leitão, um cábula incorrigível, entretem com continuas mentiras duas velhas tias provincianas, que julgam empregadas o melhor possível as mesadas que enviam para os estudos do sobrinho. Tendo-se disposto a vir a Lisboa, breve descobrem a ilusão em que andavam metidas. Zangas, ralhos, etc., para afinal se reconciliarem com o sobrinho quando, tornado célebre, depois de se fazer cantador de fado,

se resolve tornar por fim num homem sério e ajuzado...

O argumento é fraco, muito fraco mesmo, e disso se ressentiu todo o filme, que não atinge sequer a craveira dum filme da mediana produção estrangeira. Ao argumento falta-lhe sobretudo originalidade e, francamente, não nos parece de boa razão começar com um argumento tam banal a primeira produção fonocinegráfrica portuguesa.

Da realisação esperávamos melhor e isso pelo que de encomiástico teve a critica da imprensa cotidiana. Cottinelli Telmo, o realisador, esforçou-se por apresentar trabalho honesto — e conseguiu-o — mas não está ainda de posse dos recursos que nos permitam creditá-lo como «o realisador» de que precisa o cinema português. Não se nos afigura de boa politica ser duma única pessoa o argumento e realisação. Na técnica transcendente da confecção dum filme, há sempre «uma coisa» que, se escapa ao argumentista não passa ao realisador, ou vice-versa...

Na movimentação das cenas falta-lhe vida, expontaneidade, acção.

Ào filme falta-lhe ritmo, unidade, ou melhor dizendo, tem ritmo na falta de unidade...

A parte principal do filme, que se passa num dos bairros pobres de Lisboa, não foi aproveitada devidamente no pitoresco que lhe podiam emprestar certos bairros característicos da cidade...

Nas cenas filmadas em Sintra, cremos que não foi tirado todo o partido que a beleza natural desse lindo rincão era susceptível de nos dar.

As cenas do arraial, que nos diziam ser o «clou» da filmagem, não vimos razão que as impoessessem como motivo de valorisação. Não queríamos fazer comparações, que são sempre desca-

bidadas, mas já vimos melhor, mesmo em cinema nacional...

* * *

Na interpretação há a destacar em primeiro lugar o trabalho magnífico de António Silva, no alfaiate, oportunista e espertalhão... Um exito autêntico. Todo o seu trabalho tem graça, de princípio a final. A cena da eleição da rainha de beleza é magnífica pela graça e naturalidade. Muito e muito bem.

Vasco Santana, no estudante, enfileira a seguir, embora desempenho o papel principal. Graça. Naturalidade. Sente-se á vontade ante a objectiva. E' elemento susceptível de futuro.

Beatriz Costa, bem. Não se lhe deve exigir mais e tambem o seu papel para pouco mais daria. A canção na academia recreativa tem graça pela vivacidade.

Tereza Gomes pouco á vontade na tia provinciana. A sua natural exuberância não se coaduna com a pacatez da personagem. Achamo-la um tanto deslocada e não lhe vimos o á-vontade que tam bem exterioria no palco.

Alegrem não faz esquecer o Timpanas — o alegre e folgazão Timpanas! Os outros, aos altos e baixos.

Perpassam no filme em personagens secundários as figuras esbeltas duns rapazes, cremos que primeiros prémios em concursos cinegráficos. Uma verdadeira lástima! Altos, desempenados, mas quanto a actuação não lhes vimos vislumbres de habilidade. E teem-se para isto esfalfado as revistas de cinema...

As faladas «girls» da Tobis Portuguesa afinam pelo mesmo diapasão. E tanta cabeça louca a pensar que o primeiro fonofilm português era a chave ideal que lhes abria de par em par as portas da Hollywood agra-decida! Gostávamos no entanto de

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FÁRIA - Terças-feiras ás 10 horas - sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h
FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

as vêr melhor, numa produção onde o seu trabalho se revestisse de maior realce. Pelo menos são bonitas — e sem favor — e quando no cinema se vê uns palminhos de cara interessantes, não podemos dar por perdido de todo o preço do bilhete...

O filme tem defeitos, é certo, e eles devem-se principalmente á fragilidade do argumento — mas satisfaz apresentado como espectáculo desprezencioso e popular. Graça e graça espontânea não lhe falta pela naturalidade do diálogo da autoria de José Galhardo. A fotografia, embora não mantenha sempre o mesmo nível, pode considerar-se boa, sem lisonja. O som, sobretudo, é expleudido. Pode honrosamente enfileirar a par do que de melhor realiza a produção estrangeira.

Sintetizando: será digna de estímulo, de auxilio, a primeira tentativa de fonocinema inteiramente português e de que tanto depende o futuro do cinema nacional? Inteiramente. Apesar dos defeitos que se apontam «A Canção de Lisboa» não é uma obra falhada. Numa arte que desponta não são de exigir preciosismos de virtuosidade. Muito foi o que se fez.

Cottinelli Telmo é credor da estima de quem se interessa pelo cinema em Portugal, pela evidente boa-vontade demonstrada em produzir obra honesta.

Pela nossa parte entendemos que apontar defeitos não é ser derrotista — é contribuir, na nossa esfera de acção, para que eles se não repitam.

Afonso Aço.

DE RELANCE...

Por efeito de uma recente postura municipal, com que concordamos plenamente, todos os proprietários de pateos que tenham moradores, são obrigados a iluminar os ditos pateos. Pois sabeis quem não cumpriu essa obrigação cá na nossa freguesia?

está ali pejando o passeio do Largo do Rio Seco, a servir de bilheteira ao guarda do lavadouro da C. M. L.?

Pois ainda lá está aquela porcária, inferior a muitos casinhotos de cães, re-meada com latas velhas, metendo água por todos os lados, sem que



Foi o Estado. Se duvidais, ou tomais isto á conta de rabugice, ide ver os que de relance vos indicamos e que são: o pátio do Bomfim, das Carvalhas, dos Telheiros, da Opera, do Seabra, e do Seminário, onde vivem muitas famílias, e certificar-vos-eis da verdade.

Lembraís-vos, com certeza, do pedido que temos feito diversas vezes, neste quizenário, para que seja removida aquela barraca indecente que

haja esperanças de a vêr substituída, quando era tão fácil fazer no interior do edificio uma divisória a tijolo, retirando aquilo dali numa carroça, para ir alimentar os fornos da cal da Camara.

Parece que por capricho, não têm querido atender-nos; mas para vergonha de quem devia remediar tal desleixo, e conhecimento dos que a não tenham visto, aqui a estampamos, confiados que alguém nos dará razão.

Fresina.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em cortice, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEPHONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — — Faianças artisticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações electricas

a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)
que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

A Ajuda de outros tempos

A HISTÓRIA do bairro da Ajuda ilustra-se com os nomes de vários homens, nascidos alguns dentro dos limites da freguesia, e outros que na sua área desenvolveram uma acção notável e prestimosa; figuras de alto prestígio, pelo saber, pelo talento, pelas qualidades morais, deixaram após si um rastro de luz que ainda hoje deslumbra e nos enche de enternecido orgulho.

Entre eles brilham, como estrelas de primeira grandeza, os nomes de Félix da Silva Avelar Brotero e Domingos António de Sequeira.

Brotero não era filho da Ajuda, pois que nasceu em Santo Antão do Tojal aos 25 de Novembro de 1744; mas, quando depois de jubulado do seu lugar de lente na Universidade de Coimbra e director do Jardim Botânico da mesma cidade, veio tomar a direcção do Jardim Botânico da Ajuda, este teve um desenvolvimento importante de reconstituição, tão necessário depois das devastações a que fôra sujeito por ocasião das invasões francesas.

Espirito apaixonado pela botânica e já notavel pelos estudos a que devotadamente se dedicava e pelos trabalhos que produzia, Brotero viu-se forçado a abandonar a patria em 1788, e a refugiar-se em França, onde durante doze anos se encontrou em contacto

com as maiores sumidades da época, alvo da admiração e aprêgo dos mais eminentes cultivadores da ciência.

A fama do seu enorme merecimento fez com que o governo do nosso país o chamasse, a fim de, em Coimbra, ocupar o lugar a que a sua incontestável competência lhe dava direito.

As suas obras, universalmente conhecidas, e que ainda hoje são a fonte onde vão beber os que à botânica se dedicam, constituem um verdadeiro padrão de glória que nos honra e desvaneece.

Morreu este inolvidável e grande sábio, com 84 anos de idade, a 5 de Agosto de 1828, na casa da Calçada do Galvão, entre a Rua Domingos Tendeiro e a Travessa do Figueiredo.

Domingos António de Sequeira, o afamado pintor, considerado por alguns a maior celebridade portuguesa do século XIX, e a quem o grande mestre francez Horácio Vernet cognominava de *Rembrandt do claro*, nasceu em Belem no ano de 1768 e morreu na cidade de Roma em 1837.

Foi tão acidentada a vida deste primoroso e genial artista, que julgamos interessante relatá-la aqui em breves linhas.

Domingos de Sequeira era filho de familia de poucos teres, mas que ambicionava educá-lo para médico. Como,

porém, o rapaz não mostrava inclinação para a medicina, e antes se comprazia em desenhar bonecos, a que dava forma e atitudes mais ou menos reveladoras da intuição artistica do seu autor, o pai resolveu matriculá-lo na Aula Régia de Desenho, tinha elle 13 anos de idade.

Tais progressos fez em pouco tempo, e de tal maneira se di tinguiu sob a direcção de alguns afamados mestres de pintura então em voga, que o Marquez de Marialva o recomendou á Rainha, e esta ordenou a sua ida para Roma, com o subsídio de 300.000 réis, a fim de ali estudar e aperfeiçoar-se com os mestres italianos.

A revolução franceza, que estalou alguns anos depois, logrou a simpatia dos rapazes alunos da Academia onde Sequeira estudava, mas foi um movimento mal recebido pelo povo romano que se sentia ferido nas suas crenças pela attitude irreverente dos revolucionários. Isso deu lugar a que, um dia, um grupo de populares, na errada suposição de que se tratava de um francez, tentassem agredilo, cercandoo hostilmente aos gritos de *Morra o francez!* Valou-lhe a serenidade com que conseguiu convencer os atacantes de que não era francez, mas sim português por nascimento e italiano por gratidão.

Viu-se então na contingência de

A NOTÍCIA foi-me dada como se se tratasse de um caso banal, vulgaríssimo, idêntico a dezenas de outros.

Talvez o seja, de facto, mas o certo é que em mim produziu profunda emoção a que vieram juntar-se um sem número de pensamentos acréda da estranha moral do mundo de hoje.

Mas en vou relatar os factos:

Há cerca de três anos, não era em ainda o estúpido neurasténico que hoje sou, costumava frequentar com regular assiduidade quasi todos os salões da salta roda alfacinha. Num deles, o de um conhecido capitalista, travei conhecimento com uma encantadora moreninha, assim a classifiquei, pelo menos com quem, durante algumas semanas, flirtei descaradamente, com alternativas de bom e mau acolhi.

Silhuetas modernas

Por FERNANDO AUGUSTO SIMÕES

mento. Alguém me informou que Irene, assim se chamava a moreninha, era, apesar dos seus dezassete anos, um dos melhores partidos a que um rapaz, nas minhas condições, podia aspirar, pois remnia aos seus indiscutíveis dotes físicos não só apreciáveis dotes morais como também uma outra espécie de dote nada para desprezar uma vez que se fazia representar por algumas centenas de milhar de escudos.

Apareceu em todas as festas, chás elegantes, as mais modernas *toilettes*, onde se gasta loucamente dinheiro e onde a *coquetterie* impera, sempre acompanhada de sua mãe, cujos trinta e sete anos, ainda cheios de vigor e de frescura, se impunham á admiração de todos e ao desejo de muitos. Sabia-se que Irene tinha pai; nunca, no entanto, nenhum de nós o vira e chegava-se até, muito em segredo, a duvidar da sua existência, pelo menos official.

Sou um incorrigível celibatário, e embora apreciasse dignamente todos os dotes de Irene, principalmente o último, a perspectiva de vir a usufrui-los mediante a passagem pelos degraus do altar e pelos da escada do registo civil não conseguia nunca seduzir-me.

Outras aventuras, pois, me atraíram a atenção, veio, em seguida, esta minha invencível repugnância por todos êsses antros de podridão moral onde a devassidão reina e o luxo impera. Sentia-me exausto, farto daquela vida de animação ficticia e de prazeres fugidios, e vim procurar, se não a felicidade pelo menos um relativo socêgo,

no isolamento e na meditação, eu, que até aí fôra um temível estroina, incapaz e me entregar a qualquer pensamento sério.

Não tornei pois a ver Irene nem a ouvir falar nela e a sua lembrança quasi por completo se me varrerá da memória quando, inesperadamente, á mesa de um café, a sua figurinha airoza se me apresentou de novo ao espirito e eu soube alguns pormenores da sua vida que estava bem longe de suspectar.

Foi o m. o dia esse chuvoso e triste e eu sentara-me á mesa do café dispondo-me a não sair tam cedo e a entregar-me aos meus pensamentos pseudo-filosóficos, enjo tema, eu o previera a chuva e respectivas consequências para os que não de a suportar a pé, com ou sem chapon, e para os que a olham indifferentemente de dentro de elegantes condites.

Enganei-me porém nos meus cálculos. Haveria meia hora que me sentara quando entrou o Lacerda, meu antigo companheiro de pândeo, de que hoje está também afastado, por intrinsecas dificuldades monetárias.

Foi-me grato o encontro porque, devo confessá-lo, conquanto tenha abandonado por completo a vida de boêmio, é ainda, por uma singular aberração, com prazer que evoco êsses tempos, e a serenidade do Lacerda, falador incorrigível e cujo tema é avariável, garantia-me duas horas, pelo menos, de vício, pelo passado.

Não me enganei destarte. Após o vigoroso apêrto de mão próprio de amigos se há bastante tempo se não vêem, o Lacerda entrou deenfreadamente a evocar figuras e factos, desnudand com atroz semcerimônia, a vida de muitas das figuras tocadas.

Farmacia

SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telef. B. 329

Consultas

pelos Ex.ºs Drs. r.

CARRILHO XAVIER

Partos, doenças das senhoras, Clinica Geral

TODOS OS DIAS

das 11 ás 12 h.

MEDINA DE SOUZA

Coração/Palmões Clinica Geral

TODOS OS DIAS

das 17 ás 19 h.

Serviço nocturno ás quintas e Sábados

MERCERIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

procurar abrigo no palácio da embaixada portugueza, e depois em casa de um amigo, onde teve a desgraça de se apaixonar por uma formosa menina da familia do seu hospedeiro.

Entretanto, o governo portuguez, aterrado pelos ideás modernos de liberdade que fidejavam as almas novas, mandou regressar ao país todos os rapazes que no estrangeiro se encontravam pensionados. Sequeira veio para Lisboa, trazendo na sua bagagem muitos e honrosos diplomas, mas contrariado o ruído de saudades pela sua bem-amada.

Como, ao chegar á capital, o príncipe regente o recebesse com demonstração de apreço, arbitrando-lhe uma pensão de 60 moedas e mandando dar-lhe casa gratuita, o nome do novel pintor em breve se espalhou pelo país, e criou fama entre a nobresa. Todos queriam telas para adornar salões, igrejas, capelas, mas depressa desistiam perante a exigência da avultada soma em que o pintor valorisava o seu trabalho. Assim, entristecido pelo abandono a que os coincidadãos lhe votavam o merecimento e com o coração alanceado de saudades por aquela que tão longo deixára, e ia perdendo a esperança de tornar a ver, o pintor sentiu a tentação de renunciar á glória com que sonhara, e recolher-se á paz sombria do claustro. Entrou como novico no convento do Bussaco, e passou algum tempo depois para o da Cartuxa, em Laveiras,

onde pintou quadros admiráveis representativos da vida de S. Bruno.

Por volta de 1802, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, verdadeiro admirador do talento de Sequeira, influuiu junto do rei para que o arrancasse á vida monástica e o restituisse á antiga actividade. D. João nomeou-o então pintor da corte, com o vencimento annual de 2 contos de réis, e conferiu-lhe o encargo de decorar as salas do Palácio da Ajuda, que estava sendo construido.

Sequeira aceitou a nova situação que o monarca lhe offercia, e pretendeu fundar na Ajuda uma academia, mas o seu génio inconstante levou-o a abandonar dentro em pouco as obras do paço, onde apenas pintou alguns quadros com episódios do reinado de D. Afonso Henriques, quadros que a familia real levou para o Brasil na ocasião da sua fuga ante a invasão franceza.

Mas a fortuna sorria ao pintor. Mestre de desenho das infantas e director de uma aula de desenho que a Companhia dos Vinhos fundara no Porto, os seus proventos avolumavam-se ainda com o vencimento de pintor da corte, com o que lhe rendiam alguns trabalhos particulares, e ainda com o lucro auferido pelo exercicio da industria das barcas de banhos, de que fôra introdutor no país.

Á sua inconstância deveu, porém, novo fracasso. Quando as tropas francezas entraram em Lisboa, Sequeira relacionou-se com vários francezes

cultos aqui residentes, e, talvez para lhes ser agradável, pintou duas telas em que se exaltava e glorificava a figura de Junot.

Foi o bastante para que a população da capital se erguesse indignada contra o pintor, que assim offendia o patriotismo dos seus conterrâneos. Bem procurou elle atenuar a gravidade da sua culpa, oferecendo tudo quanto tinha para engrossar o fundo destinado a ocorrer ás despesas feitas para repellar os invasores; mas a excitação popular de tal forma se manifestara violenta, que a regência viu-se forçada a mandá-lo prender na noite de Natal de 1808. Escoltado por soldados de cavalaria, foi conduzido para o Limoeiro, e nessa cadeia esteve encarcerado até Setembro do ano immediato.

Terminada a guerra, continuou a receber o seu antigo ordenado, mas em 1820 aderiu ao movimento revolucionário, e em 1823, por proposta apresentada em côrtes, esteve arriscado a perder esse beneficio, que todavia lhe foi reduzido para 1.600\$0 0 réis.

Receoso de que novamente o prendessem, emigrou, e, depois de por algum tempo residir em Paris, em 1826 voltou enfim para Roma, onde teve um período de grande actividade, e onde mais tarde veio a falecer, êsse famoso ajudense que foi o mais célebre e genial artista portuguez do século em que viveu.

Alfredo Gameiro.

Foi assim que eu reví a quasi desvanecida figura de Irene e eis o que a seu respeito me contou:

Tinha de facto um pai, e officialmente reconhecido, á face de Deus e da 3.ª repartição do registo civil. Um pai activo, laborioso homem de trabalho que, saído de pouco mais do nada, era, e ainda é, proprietário de uma importante fabrica de instrumentos agricolas e senhor de uma regular fortuna.

Tinha porém um fraco: o de ser fraquissimo ante os caprichos da esposa, mulher moderna cuja existência se limitava a transportar laboriosamente para as modistas e locais de diversão senão tudo, o que seria impossivel, pelo menos uma grande parte dos lucros do marido.

Quando a filha nasceu foi combinado entre ambos que á sua criação e educação ficaria unicamente ao cuidado da mãe e que o pai se reservaria para fazer o mesmo a algum rapaz que fôsem servidos mandar vir ainda.

Não veio, porém, ninguém mais, e o pai entregou-se por completo aos seus negócios e á preocupação de aumentar o *superavit* dos seus orçamentos, conseguindo-o sempre não obstante os inconscientês esforços da esposa para que houvesse deficit.

Via unicamente a filha á hora das refeições, durante os primeiros anos, pelo menos, pois nos outros muitas vezes acontecia a mulher telefonar-lhe ou encargar qualquer criado de lhe dizer que as não esperasse para jantar pois tinham sido convidadas para o fazer em casa desta ou daquela amiga e era impossivel recusarem-se.

O pobre homem adorava a filha, e sempre que isto acontecia soffria um rude golpe, mas que fazer? Opôr-se, com a sua autoridade de pai e de marido, não só a este

como a muitos outros, e bem peores, desmandos de sua esposa? Se alguma vez o pensou decerto se arrependeu logo, pois nunca o fez. Homem pacifico, socego, o único ruído que lhe dava prazer era o das suas máquinas em laboração, as únicas discussões que suportava eram as que amigavelmente mantinha com os seus engenheiros acréda da melhor maneira de executar as constantes encomendas recebidas.

Resignava-se pois, e quantas vezes ao sair de manhã para se dirigir ao seu escritório, se encontrou na sala de entrada com a mulher e a filha que regressavam de qualquer baile! Dea-se então a estudar cuidadosamente, nos poucos momentos em que podia fazê-lo, o carácter de Irene.

Tinha empenho em saber se era com prazer verdadeiro que ella tomava parte naquella vida um tanto ou quanto desregada ou se era por obediência á despótica autoridade da mãe que a isso se sujeitava

Conclue no próximo número.

Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Façoiteiro, Retrozeiro, Roparia e Gravalaria

Artigos Escolares - Material electrico

GRANDES PECHINHAS - OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições hygienicas

R. das Mercês, 116 a 128 - SUGUBIAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. B. 656 - AJUDA - LISBOA

DESPORTOS

Recordações de outros tempos... ainda não muito afastados

Quando ainda existia o campo de Palhavã pertencente ao Império, realizou-se ali um jogo do campeonato de Lisboa, no qual eram adversários o Casa Pia e o Bemfica. Creio não errar afirmando que o Bemfica ganhou esse jogo por 2 a 0.

Mas o que oferece certa originalidade é a maneira por que esses dois tentos foram conseguidos. Foi assim como vou descrever:

A bola, rematada por um avançado do Bemfica, foi fora pela linha de cabeceira. Colocou-se a bola no limite da área de *goal*; o defêsa deu um pontapé na bola, a qual foi recebida pelo guarda-rêdes. Este deu uns passos e lançou a bola, com um vigoroso pontapé, para o centro do terreno. Todo o cerimonia da colocação da bola em jogo, como se vê. Porém, a meio do campo, um avançado do Bemfica apanha o esférico; lança-o quasi sem preparação, na direcção das rêdes... E o guarda delas, ainda fora do seu lugar, ao ver a bola avançar vertiginosamente para dentro, correu atrás, porém sem conseguir detê-la... E foi assim que se marcou o primeiro ponto!

Mais adiante repetição da cena. Houve uma bola fora, o *keeper* lançou-a em jogo, e, quando se dirigia para as rêdes, lá ia ela de novo adiante dêle, velozmente...

Foram marcadas assim as duas bolas do encontro. O guarda-rêdes do Casa Pia era o apreciado jogador Clemente Guerra.

Hoje quando vejo um guarda-rêdes lançar a bola em jogo e voltar para o seu lugar «negligentemente», recordo-me dêste jogo, e lastimo que não haja jogadores que castiguem essa falta de atenção atirando ao *goal* antes que o *keeper* lá chegue.

* * *

Esta cena que segue foi passada no Campo Grande. Jogavam o Sporting e o Bemfica.

As *claques* estavam em luta. A gritaria era constante. Os conflitos davam-se frequentemente. Ambiente de zaragata, emfim...

Jaime Gonçalves teve uma entrada um tanto violenta a José Simões, o qual lhe ripostou no mesmo tom. Resultado: caíram os dois, sentados, no campo.

A gritaria redobrou de intensidade. Choviam os improperios, insultos, obscenidades sobre o jogador do Sporting, da *claque* do Bemfica.

Entretanto, sentados em face um do outro, Jaime e Simões riam a bom ris...

Isto nunca me passou da memória. Oigo os «furiosos» insultarem-se; vejo ás vezes os jogadores trocar certas «carícias»; mas *vi* que, no fundo, os jogadores não se odeiam, e guardo como um refrigério a recordação do riso franco, quasi infantil, que os jogadores tiveram um diante do outro...

Lucas Jr.

PALAVRAS DOS MESTRES

Antes, porém, que chegue a nova luta dos titans, nós assistimos á guerra dos sábios. Quando uma descoberta surge, logo aparece outra que destrói os efeitos da primeira. No silêncio dos seus laboratorios e das suas oficinas, os técnicos combatem-se, num duelo sem tréguas, procurando os meios de inutilizar os engenhos de morte inventados, antes que esses engenhos façam vítimas, e modificando assim a cada momento, duma maneira imprevisível, os aspectos e os horizontes da guerra futura. O alemão Guerlich inventou a bala «halgar ultra», projectil alado que, á distancia de sessenta jardas, perfura blindagens de aço de centimetro e meio de espessura? Logo na Inglaterra se construíram blindagens imperfuráveis, que resistem á bala «halgar ultra». Produziram-se os gazes tóxicos e asfixiantes, capazes de, em poucos minutos, aniquilar populações inteiras? Mas logo se inventaram as modernas máscaras anti-gás, perfeitas e simples, que, na Alemanha e na Russia, as crianças manejam como um simples brinquedo. Descobriram-se os terríveis explosivos que conferem a um avião-mosquito o poder de arrasar uma cidade? Mas, tranquilizemo-nos: já pelo Mundo se anuncia o invento maravilhoso do engenheiro alemão Kurt Schimkus, que, na inexplorada zona das ondas transmissoras, encontrou os chamados «raios inflamatórios», capazes de fazer deflagrar á distancia todos os explosivos da aviação, todas as munições da artilharia, tornando, portanto, praticamente impossível a guerra. Se esta descoberta se confirmar, as grandes babilónias podem dormir tranquilas,— até que um novo sábio invente o processo de destruir também á distancia, os sistemas de defesa constituídos pelos postos emissores dos raios Kurt Schimkus.

Entretanto, havia — julgo eu — um meio fácil e prático de evitar este duelo incessante dos sábios. Era a criação de um estado de consciência colectiva a que decididamente repugnasse a propaganda dos industriais da guerra, dos histéricos, dos nacionalismos integrais, dos místicos da «catástrofe inevitável». Era o desarmamento moral.

Julio Dantas.

Inscreva-se no II passeio anual, promovido por «O Comércio da Ajuda»

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruagens de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gasolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros
à antiga, amador e escrituração comercial
Copiadores, caixas e pastas para arquivo
Arma-se pastas de lantazia e bordadas
Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

**Drogas, produtos químicos, tintas
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias**

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

As Colónias Portuguesas

Afirmámos já que a obra colonisadora dos portugueses, em Africa, era vastíssima e dela nos poderíamos orgulhar.

Vamos agora diligenciar fazer a indispensável prova, para aqueles que se derem ao incómodo de nos lêr, se capacitarem de que as nossas afirmações não são gratuitas, visto elas se escudarem em dados que só os maldizentes, habituados a trocarem a verdade pela mentira, poderão ter a veleidade de contestar.

Colonisar, na verdadeira acepção do termo, constitue uma empresa assás difícil porquanto, ela consiste em difundir a instrução, em insufflar o amor ao trabalho pelos habitantes do glóbo terrestre, onde se vive ainda quasi no seu estado primitivo.

Aos portugueses não pode ser negada a primazia de serem os melhores colonisadores do Mundo, servindo para fazer realçar esta grande qualidade, o estado de adiantamento em que se encontra esse vasto território que constitue a florescente republica do Brasil, a qual, apesar da sua independencia, não dispensa ainda o concurso dos portugueses, para que a sua marcha a caminho do progresso se vá operando normal e metódicamente.

Ha quem sustente a opinião de que a Africa deve ser só para os nativos mas, os que assim pensam esquecem ou ignoram que os indigenas daquele vastissimo continente, se hoje algum valor real representam é porque os europeus, principalmente os portugueses, se têm esforçado por tornar essa espécie de gente em instrumentos uteis á Sociedade e a si próprios.

Se áquelas longiquas paragens não tivessem aportado europeus, portadores de uma civilização racional e humana, esse extenso território não passaria ainda de um razoavel centro

de produção de animais selvagens, entre os quais, abundando os que mais semelhança têm com o homem. Mas, felizmente, tudo ali se tem modificado por tal forma, que já se nota bem os efeitos benéficos da civilização transportada áquelas paragens, civilização que, dia a dia, vai sofrendo as transformações que a evolução dos tempos aconselha.

Um país como Portugal, não pode prescindir dos seus domínios ultramarinos, os quais, não são mais do que o seu prolongamento. Não pode, porque esses domínios constituem os melhores mercados para colocação do excesso de produção continental e, da facilidade de tal colocação, depende muitissimo a prosperidade do país.

Mas a vantagem que Portugal tem em possuir os seus domínios em Africa,

não está só na garantia da colocação do excedente da sua produção; a sua utilidade consiste na facilidade bem patente que, os metropolitanos-industriais, comerciantes ou operários, encontram ali para empregar a sua actividade, de modo a poderem obter resultados mais satisfatórios que não é fácil conseguirem na Mãe Pátria, mercê da crise tremenda que a todos flagela de uma maneira pavorosa.

Se Portugal não deve manter os seus domínios em Africa, por os ter conquistado, francamente, não percebemos porque devemos empregar todos os esforços para mantermos na Europa esta pequena faixa de terreno que nos foi berço, se ela foi adquirida pelo mesmissimo processo.

Os nossos antepassados, na áncia de alargar o território da nação, fizeram-se navegadores e foram em demanda do desconhecido de então, iniciando a época dos descobrimentos.

Se a memória nos não falha, foi em 1418, que essa época foi iniciada, descobrindo a ilha de Porto Santo e seguidamente a Madeira. Em 1446 descobrem a Guiné; em 1460 o arquipelago de Cabo Verde; em 1470 a ilha de S. Tomé; no ano seguinte a ilha do Principe; em 1486 Angola e em 1498 Moçambique.

E' pela ordem como se efectuaram os descobrimentos que vamos dizer alguma coisa sobre o que eram e o que são hoje esses vastos domínios ultramarinos porque, pertencemos ao número a quem interessa patrioticamente a história colonial portuguesa e porque, somos partidários do distinto escritor colonial, Artur Giraul, que afirmou: «O interesse público exige que as questões coloniais sejam familiares a mais alguém, além daqueles que, por profissão, careçam de as conhecer».

Agostinho António.

II EXCURSÃO ANUAL

promovida pelo jornal
«O COMÉRCIO DA AJUDA»
a efectuar nos dias

12 e 13 de Agosto de 1934

em auto-car de luxo, visitando:
Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazareth, Alcobaça, Batalha, Leiria, Vila Nova de Ourém, Fátima, Tomar, Torres Novas e Santarém

PARTIDA DA AJUDA ■ CHEGADA À AJUDA

Quotisação semanal de 1\$50 por pessoa

Informações e inscrição na GRÁFICA AJUDENSE

C. da Ajuda, 176 — Telef. B. 329

RESERVADO O DIREITO DE SELECÇÃO

Este número foi visado

pela Comissão de Censura

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora. 22 e 24 — Telefone B. 427

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. B. 496

≡ SALÃO ≡ TELEF. B. 124

PORTUGAL

Travessa da Memória — Ajuda

Dia 10 — GRANDIOSA MATINÉE, com 2 sessões permanente, 1.ª ás 15 e 2.ª ás 18 horas, exibindo-se os soberbos filmes **O REI DA SELVA, 24 HORAS** e **O mar faz o marujo**. SOIRÉE as 21 horas, com o mesmo programa.

Dias 11 e 12 — O magnifico filme, com Ivan Mosjoukine, **MIL E DUAS NOITES**, e a super-produção sobre espionagem, com Charles Farrel e Elissa Landi **De Corpo e Alma**.

Dia 13 — **A FEIRA DA VIDA** com Janet Gaynor e Charles Farrel, e a hilariante comédia, com Raul Roulien, **O último homem sôbre a Terra**.

Dias 15, 16 e 17 — MATINEE em duas sessões permanentes, ás 15 e ás 18 horas. Soirée ás 21 horas, com a colossal super-produção da guerra marítima **ALVORADA**, e outros filmes de grande successo.

Dias 18 e 20 — GRANDIOSOS ESPECTACULOS, com surpreendentes programas.

Dias 21 a 24 — A grandiosa super-produção **BEIJOS PARA TODAS**, com Maurice Chevalier e o seu meudo, e o magnifico filme **A Confissão duma jovem**.

TELEF. B. 99 ≡ CINEMA ≡

PALATINO

R. Filinto Elisio (Aito de Santo Amaro)

Dia 10 — ás 15 horas — GRANDIOSA MATINÉE, com a formidavel super-produção **O REI DA SELVA** e os filmes **24 Horas** e **O mar faz o marujo**.

A's 21 horas—O surpreendente filme **AS MILE DUAS NOITES** e o grandioso filme **A Aranha**.

Dia 11 — **O EXILADO** e **O FILHO DA INDIA** com o simpático galã Ramon Novarro.

Dia 13 — O fenomenal filme **A FEIRA DA VIDA** e a engraçada comédia **O Último homem sobre a terra**.

Dia 14 — GRANDIOSO ESPECTACULO

Dias 15 a 17 — A colossal super-produção da guerra marítima **A ALVORADA** e o filme de grande successo **Maré de sorte**.

Dias 18 e 20 — SENSACIONAES ESPECTACULOS

Dias 21 a 24 — A grandiosa super-produção **BEIJOS PARA TODAS** e a **Confissão duma jovem**.

A SEGUIR: as melhores super-produções de todas as casas distribuidoras

CHABY PINHEIRO

Acaba de falecer a figura máxima da cena portuguesa. Ninguém, pelo menos tam cedo, o poderá substituir.

Chaby Pinheiro, possuia uma intuição artística cujo mérito e vocação todos lhe reconheciam. Era uma grande figura na arte de Talma a qual abraçara com amor e verdadeira dedicação.

Tudo que a seu respeito quizessemos dizer, já a grande imprensa o disse, dedicando-lhe páginas completas, o que não é demais, para um valor tam grande, que acaba de desaparecer.

Bastante simpático, tendo pelos trabalhadores um grande culto, e a atestá-lo está o facto de, quando do funeral da grande Angela Pinto, após os discursos proferidos pelas maiores individualidades da arte e das letras junto da sua urna, o autor destas linhas, que se encontrava presente e era delegado dum organismo gráfico, ao pretender prestar última homenagem áquela a quem a classe gráfica tanto devia, foi impedido de tal fazer,

por um actor muito conhecido, alegando já ser tarde e a urna ter que dar entrada no jazigo.

Viu-se bem nêsse momento, o desprêso dêsse artista, para com um obreiro, que ali estava para se desempenhar bem sinceramente duma missão aliaz bastante ingrata. E quando vexados, nos preparávamos para fazer a vontade a êsse homem, surge Chaby Pinheiro que havia presenciado a cena, dizendo-nos: «Fale, porque nós o desejamos; eu sei quanto vocês lhe queriam».

E então, já quasi noite, a urna que continha os restos da nossa querida Angela, daquela que tão bem sabia encarnar os papeis dos deserdados da fortuna, demorou mais algum tempo a entrada na sua última jazida. Se nós não tínhamos nenhuma pressa em a ver desaparecer!...

Acedendo ao convite de Chaby, aproveitamos bem o momento, para patentear a mágua que nos afligia, pelo desaparecimento da inolvidável actriz, dizendo bem alto, que nem todas as lágrimas ali vertidas, podiam ser sinceras, quando era certo, que tantos dos que ali se encontravam a

tinham abandonado durante a sua longa doença.

Ao terminar-mos, fomos rodeados por vários artistas de ambos os sexos, que nos abraçaram, destacando-se Chaby Pinheiro, que chorando bastante, nos disse:

«Obrigado; obrigado por ela e por mim».

Isto se passou há seguramente 8 anos e não ficaríamos bem com a nossa consciência senão relembrássemos êste facto, a que só um diário da capital se referiu.

E agora que Chaby Pinheiro desapareceu dôste mundo de hipocrisias, resta-nos comovidamente, apresentar a expressão máxima do nosso pezar á illustre familia enlutada.

PARA OS NOSSOS POBRES

Da familia da menina Maria do Céu Monteiro Ferreira, e comemorando o 1.º aniversário do seu falecimento, que passa amanhã, 10, recebemos vinte escudos para distribuir por quatro tuberculosos pobres, o que agradecemos.

OFICINA DE RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE

Albano Machado

Reparações em relógios de todas as marcas e objectos de ouro e prata
PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E ECONOMIA

Calçada da Ajuda, 162 - LISBOA
TELEFONE BELEM 236

AOS RETALHISTAS DE TODO O PAÍS

Vendedores dos conhecidos **Rebuçados Pectorais do Dr. Centazzi**, resolveu **A Centazzi, Lda**, brindar com cerca de Esc. 4 500\$00, representados por 400 kilos dos seus rebuçados, distribuídos anualmente por meio de 100 notas de crédito inclusas em 100 jatas á sorte, como estímulo áqueles que, em contacto com os consumidores, têm sido os auxiliares da expansão sempre crescente, verificada no país inteiro dos **Rebuçados Pectorais do Dr. Centazzi**. Os únicos que mantêm o seu crédito durante 50 anos, e que todos procuram imitar com outras marcas em papel semelhante.

Unicos fabricantes: **A. CENTAZZI, L. DA**
R. Aliança Operária, 4 — LISBOA — Telefone B. 260
REBUÇADOS DE FRUTAS E MENTOL-EUCALIPTO